

Document Citation

Title	Bergman na hora do lobo
Author(s)	
Source	<i>Cine-Arte UFF</i>
Date	
Type	interview
Language	Portuguese
Pagination	
No. of Pages	2
Subjects	Bergman, Ingmar (1918-2007), Uppsala, Uppland, Sweden
Film Subjects	Vargtimmen (Hour of the wolf), Bergman, Ingmar, 1968



BERGMAN

COM 51 anos de idade e pouco mais de 30 de cinema, Ingmar Bergman já tem uma carreira que se pode dizer extensa de cineasta. Sua obra inclui, hoje, vinte e nove títulos; lançados e correndo o mundo. Antes, Bergman foi homem de teatro — autor dramático e diretor de cerca de cinquenta peças, na Suécia. Em Estocolmo, onde dirige desde 1964 o Teatro Real Dramático, apresentou sempre peças dos mais variados autores, de Genet e Ionesco ao repertório clássico de Shakespeare ou Strindberg. Em Haia, em 1965, juntamente com Chaplin, Bergman recebeu o prêmio Erasmo, atribuído à obra cinematográfica cuja repercussão concorreu para a promoção da cultura européia. Entretanto, muitos prêmios já conferidos ao realizador de

"A Hora do Lobo", desde que seu nome alcançou uma grande projeção internacional, em 1956, em Cannes, com "Sorrisos de Uma Noite de Amor". Desde então, o cineasta sueco tem sido um dos assuntos prediletos da crítica cinematográfica, ao mesmo tempo que a formação de uma platéia cada vez maior de espectadores esclarecidos vem-lhe consagrando um sucesso mundial. Sua fascinante obra cinematográfica parece inesgotável. O cineasta torna sempre a temas obsessivos de sua personalidade criadora, os quais, filme após filme, surgem enriquecidos de uma nova dimensão de indagação e pesquisa formal. A propósito de "A Hora do Lobo", já se fez referência ao encontro de seus fantasmas com aqueles que povoam o universo de dois

outros cineastas igualmente perseguidos de dancasões — Buñuel e Fellini. Mas é a fidelidade do autor a si mesmo que tem servido de arma ao ataque dos que não lhe estimam a obra. Já se negou a Bergman a qualidade de uma obra que fosse reflexo da realidade contemporânea da Suécia. Ao que responde o cineasta: "Um mal-entendido... Pessoalmente, tenho o sentimento de falar, nos meus filmes, da Suécia de hoje, de tentar responder a seus problemas. Ocorre, apenas, que eu procuro chegar ao centro desses problemas e de

não permanecer na periferia. Na Suécia, veja-se, temos de tudo. Ou pelo menos vivemos na ilusão de que tudo possuímos. Mas no meio dessa vida realizada, sentimos um grande vazio, a ilusão perdida de Deus — chamo-o como o desejar, pouco importa — uma necessidade de segurança material, social. É este vazio e tudo que os homens inventam por enchê-lo que eu descrevo nos meus filmes, e creio que esta é uma maneira de fazer filmes engajados nos problemas contemporâneos e mesmo no único problema fundamental: o de dar um sentido espiritual ou humano a uma civilização de felicidade material. Em todo caso, este é o meu problema pessoal. Não me peçam de falar de outra coisa — eu não saberia fazê-lo".

SAG

[Hour of the Wolf] 1968

CINE-ARTE UFF
RUA MIGUEL DE FRIAS 9

BERGMAN



HORA DO LÔBO

Desenho de Guido Crepas inspirado em A Hora do Lobo, publicado em Ombre Rosse. Desenhista italiano de histórias em quadrinhos, Crepas é o responsável por várias séries de histórias (Neutron, Agente Sid Bronco, Philip Rembrandt e Valentina Rosselli) que publica na revista Lixos. Admirador de Bergman, por diversas vezes em suas histórias faz homenagens ao cineasta ou desenhos especiais inspirados nos seus filmes.

do Lobo, o pintor Johann Borg, é atormentado por demônios a quem chama de canibais em duas ocasiões. Antes da filmagem de Persona (Quando Duas Mulheres Pedam), você falou de um projeto que se chamava Manniskoatarna (Os Canibais). O roteiro desse filme planejado serviu de base para A Hora do Lobo?

Bergman: É comum a gente trabalhar em vários temas simultaneamente. O tema do canibalismo é bastante antigo. O mesmo diz respeito aos temas de Persona: a redistribuição do poder, o problema da identificação, o papel mudo versus o papel falado. Tenho pensado sobre todas essas idéias durante um longo período de tempo, e elas me têm ocupado em diferentes estágios. É assim que a gente fica a brincar com diversos temas, antes de finalmente pegar um e fazer dele um filme. Mas pode-se dizer que o roteiro de Manniskoatarna, jamais filmado, serviu de base para A Hora do Lobo. E eu escrevi Manniskoatarna um ano antes de filmar Persona. Houve longos períodos em minha vida em que verdadeiramente fui atormentado por demônios e tive horas do lobo. O tema existe para mim há muito tempo. Só que, até aqui, eu não fora capaz de encontrar para ele uma forma apropriada. A Hora do Lobo é terrivelmente pessoal. É pessoal em tão alto grau que fiz um prólogo e um epílogo com o intuito de dar ao conjunto um tom de encenação. Um prólogo e um epílogo no estúdio cinematográfico. Agora, só o que resta disso é a fala por trás dos letreiros de apresentação.

Pergunta: Durante a festa na mansão, Johann Borg diz, numa espécie de purgatório pessoal, que o artista é eleito, não por culpa sua. Diz ele: "Nada há de revelação pessoal em minhas criações — a não ser a compulsão." Não será isso uma visão romântica do artista? Diversos de seus filmes anteriores têm exibido a mesma atitude.

Bergman: Como, romântica?

Pergunta: No sentido de que o artista é um enviado de Deus. É guiado pela crença platônica na inspiração.

Bergman: Não foi isso o que eu pretendi dizer, ainda que assim possa ter parecido neste caso.

Pergunta: Você está assim, posição à atitude est... ca de muitos... stas de hoje. Os jovens escritores, inclusive os suecos, que falam e escrever como você, como tarefa.

Bergman: Como artesão, como autor e diretor de filmes, adoto essa concepção num alto grau. O que Johann Borg quer dizer é que ele se defronta com uma necessidade, um tormento contínuo, uma dor de dente. Não consegue livrar-se dela. Portanto, não se trata de um dom ou de algo imposto. Não há conexão sobrenatural. Há apenas uma doença, uma perversão, um carneiro de cinco patas. Ele analisa a situação muito brutalmente. Não me lembro exatamente do que Johann Borg diz nessa cena.

Pergunta: Fala do artista como sendo eleito.

Bergman: Acho que ele usa essa expressão entre aspas. Seja como for, sei que, quando a escrevi, eu quis me referir a algo doloroso. Algo que nos deixa impotentes. Então, procuramos transpô-lo para as formas profissionais. A atividade artística é também um meio de vida, naturalmente. Minha atitude para com minha produção artística é de que eu faço objetos mais bonitos do dia-a-dia. Faço artigos úteis. Se algo se transforma em algo mais ótimo. Não trabalho para a imortalidade.

Pergunta: É sua visão do arquétipo paternal autoritário? Um ajuste de contas com a figura do pai tem sido uma constante desde seus primeiros filmes. Também há aquele velhinho do armário, de quem Johann Borg fala em Vargtimmen. É o menino que Johann Borg mata na praia: será que ele mata o pai, o arquétipo do pai, o velhinho do armário que tenta mordê-lo no pé?

Bergman: Não posso responder. O significado dessa cena mudou para mim muitas vezes. Já se passam quase dois anos desde que escrevi A Hora do Lobo, e ano e meio desde que o filme. Quando fiz a cena, era em realidade parte da expressão do medo pânico que Johann Borg tinha de ser mordido. O menino era um dos demônios. Tudo era muito real para mim. Johann Borg não conseguia decidir se o que acontecia era sonho ou realidade, se espantara um menino vivo até a morte ou se tudo apenas existia em sua imaginação.

Pergunta: História da punição em A Hora do Lobo: o velho no armário, foi uma experiência pessoal?

Bergman: Foi uma experiência pessoal. Aconteceu há 40 ou 42 anos, e aconteceu mais de uma vez. Era um ritual. É incompreensível que eu tivesse saído daquilo com vida.

Pergunta: Em grande parte, A Hora do Lobo é construído de tal maneira que ou você conta a história em imagem, sem comentário verbal, ou então a conta verbalmente, enquanto a câmara descansa sobre um rosto. Assim, você obtém um grau muito maior de coesão e sugestão do que se imagem e texto corressem de forma paralela. Passando da pura experiência pictórica à pura experiência verbal, você também cria suspense. Afinal de contas, a narrativa erótica de Bibi Andersson, em Persona, é incomparavelmente mais excitante do que a maioria dos filmes pornográficos.

Bergman: Bibi torna a cena assim tão notável porque conta a história com uma espécie de luxúria envergonhada naquele tom de voz que ela vai buscar não sei onde. Isso serve para provar que no cinema a gente pode fazer o que bem entender! E é isso o que torna o cinema tão divertido, não é mesmo? Eu estava extremamente consciente dos riscos envolvidos na feitura de A Hora do Lobo. Mas, ao mesmo tempo, eu me sentia impellido a fazê-lo, formalmente, praticamente e de um ponto-de-vista dramático. Senti-me tremendamente estimulado durante todo o período de trabalho.

Pergunta: Que significa a política para você, como artista e como cidadão da sociedade sueca? Qual é sua posição atual em relação ao complexo criação cinematográfica-sociedade-engajamento? Você o evita?

Bergman: Só insisto em meu direito de ser quem sou, precisamente como sou, meu direito de engajar-me naquilo em que quero estar engajado, e produzir a obra que desejo criar.

Pergunta: E isso é possível hoje em dia?

Bergman: Não sei. Mas exijo que me permitam fazê-lo. No dia em que as pessoas não mais quiserem ver meus filmes e eu não mais tiver com quem conversar através do que faço, nesse dia, acho que terei de parar. Mas, até segunda ordem, continuarei.

Pergunta: Um tema que tem recebido consideravelmente mais espaço em seus últimos filmes é o vampirismo...

Bergman: ...essa coisa de pessoas que se devoram umas às outras?

Pergunta: Mesmo em sentido figurado. Em A Hora do Lobo o tema tem um lugar destacado. Mas há fortes correntes de vampirismo, nas relações entre as pessoas, em seus filmes anteriores. Você sente isso como uma questão central, pessoal?

Bergman: Refere-se ao fato de o artista viver às custas de seus semelhantes? Foi uma questão ética durante muitos anos. Mas não é mais. Eu pressenti o que era moralmente duvidoso em nossa atitude. Mas não é algo que nos lance na fossa. É uma condição de vida, naturalmente. É como reprovar uma onça por devorar o gado — sem levar a comparação aos extremos.

Pergunta: Não existem qualidades redentoras, humanas, na sociedade da mansão de A Hora do Lobo. Todos parecem ter saído de um filme de horror.

Bergman: Isso é intencional. Sua única característica redentora está em que eles também sofrem. Atormentam-se entre si. Eles dizem: "Cá ficamos e nos mastigamos uns aos outros." Não há dúvida de que os demônios sofrem: de ciúmes, por exemplo. Mas estes demônios não são, em verdade, da mesma espécie de antes. Os demônios de A Hora do Lobo nascem e pulam do armário. São os demônios próprios do artista, que o afastam da possibilidade da vida. Nascem nas experiências da infância, jazem sob a superfície da consciência. A tarefa é separar o artista da possibilidade da vida, e, passo a passo, destruir a vida e a si próprios.